
A LEITURA/ESCRITA NO CIBERESPAÇO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO CONCEITO DE GÊNERO DISCURSIVO EM BAKHTIN

Alessandra Sexto Bernardes*
Patrícia Vale da Cunha**
Paula M. Teixeira Vieira***

RESUMO

Este artigo consiste numa tentativa de compreensão das novas práticas de leitura/escrita que a Internet, nos dias atuais, vem propiciando. Através de uma pesquisa qualitativa, com abordagem sócio-histórica, a partir da Teoria Enunciativa da Linguagem, de Mikhail Bakhtin, buscamos compreender os *sites* construídos por adolescentes como um espaço de produção de linguagem. Portanto, nossa análise se inicia com um olhar voltado para o passado, na tentativa de desvelar, através das evoluções de intercâmbios culturais, as possíveis transformações pelas quais passaram as formas de ler e escrever. Posteriormente, fazemos uma reflexão baseada no conceito de gêneros discursivos de Bakhtin para criar as lentes com as quais visualizamos o contexto ciber-espacial.

Palavras- chave: Leitura/escrita, internet, reflexão.

INTRODUÇÃO

A compreensão das transformações das práticas de leitura/escrita na contemporaneidade, à luz da pesquisa qualitativa com enfoque sócio-histórico, tem trazido novas possibilidades investigativas para o LIC – Grupo de Pesquisa Linguagem Interação e Conhecimento¹. Numa linha de continuidade com estudos anteriores – que enfocaram a leitura/escrita enquanto práticas sócio-culturais possibilitadas pela Internet, mais especificamente, o correio eletrônico, os *newgroups* (listas de discussão) e *chats* (salas de bate-papo) – nos dedicamos em nossa última pesquisa² ao estudo de sites construídos/produzidos por adolescentes na Internet. Focalizamos seis sites selecionados de um banco de dados, produto de nossa incursão no meio virtual, que nos proporcionou uma aproximação compreensiva de nosso objeto de estudo. Em uma análise inicial, levantamos as temáticas presentes em cada *link*, as características da escrita no novo suporte digital e também os espaços de interação por ele possibilitados. Este trabalho, por sua vez, originou dois textos³ que, na organização do material obtido em nosso exercício de navegação, serviram como base para o desenvolvimento de uma posterior análise de dados.

*Mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

**Mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

***Mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

¹O LIC é um grupo de pesquisa, coordenado pela profa. Dr.a. Maria Teresa de A. Freitas e integrado ao NUPEL – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Linguagem, da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora

²A construção/produção da leitura/escrita na Internet e na escola: uma abordagem sócio-cultural (continuidade e desdobramentos), financiada pelo CNPq da FAPEMIG.

³A leitura/escrita hipertextual em sites de adolescentes (Maria Teresa de Assunção Freitas, Ana Paula Marques Sampaio Pereira, Glória de Melo Tonacio, Lauriana Gonçalves de Paiva, Olívia Paiva Fernandes e Patrícia Vale da Cunha) – Apresentado no VI COINFE – Congresso Estadual de Informática na Educação e Conhecendo os sites produzidos/construídos por adolescentes: uma análise inicial (Bruna Sola Ramos, Carolina de Paiva Andrade, Deborah Paula Henrique e Paula Michele T. Vieira – Apresentado na II Semana da Educação da Faculdade de Educação da UFJF).

Lançando mão desses textos construídos pelo LIC, focamos nossa análise na questão dos gêneros discursivos que emergem no contexto ciberespacial. Apoiamo-nos na Teoria Enunciativa da Linguagem de Mikhail Bakhtin, que nos permitiu perceber os sites enquanto um espaço de produção de linguagem. Na medida em que nos dispusemos a compreender as práticas de leitura/escrita que os sites têm possibilitado para os adolescentes, consideramos importante voltarmos nossos olhos para o passado, na tentativa de entender através das evoluções de intercâmbios culturais, as possíveis transformações pelas quais passaram as formas de ler e escrever.

DO PAPIRO À TELA DIGITAL: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO HIPERTEXTO ELETRÔNICO

“Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão” (CHARTIER, 1999, p.77).

De acordo com Olson (1997), a evolução cultural imputou aos gregos o surgimento da escrita através do desenvolvimento do alfabeto. Se antes o homem da cultura oral, produzida através da narrativa, construía o conhecimento na coletividade, mediado pela interação e troca de experiências entre as pessoas, com o advento da escrita “o discurso se torna mais dependente de uma gramática, pois os significados do escrito irão emergir de uma estrutura lingüística anterior à sua produção.” (BERNARDES e VIEIRA, 2001, p.2).

Assim, as palavras antes pronunciadas e ouvidas passaram a ser escritas e vistas como símbolos a serem decodificados pelo leitor, de forma que o som acabou reduzindo-se ao registro escrito. Dessa forma, a tecnologia da escrita promoveu mudanças nas práticas socioculturais do ocidente, assumindo a primazia político-cultural, antes ocupada pela oralidade.

Durante o século XV, a técnica desenvolvida por Gutemberg, baseada nos tipos móveis e na prensa, acabou por transfigurar as relações estabelecidas com a escrita. Isto porque a imprensa transformou a economia de escrita da época, instaurando, irreversivelmente, o texto/livro na sociedade em grande escala (XAVIER, 2001).

A diminuição do custo do livro e a minimização do tempo gasto para sua reprodução possibilitaram a expansão do mercado livreiro e, conseqüentemente, a pulverização do saber. Ocorreu um verdadeiro *boom* da indústria do conhecimento, pois a impressão disponibilizou às massas textos profanos e sagrados, antes inacessíveis.

O livro, entre os séculos XVIII e XIX, passou a ser considerado como um instrumento de libertação do homem, provocando uma notável mudança na disseminação e na estrutura das práticas de leitura que se propagaram pela Europa Ocidental.

A diversidade dos modos de ler/escrever permite-nos afirmar que estamos, hoje, inseridos numa cultura pós-tipográfica. Cultura esta que alterou o espaço visual do escrito, instaurando uma “oralidade secundária” que, diferentemente da primária, é resolutamente estimulada e dependente do conhecimento dos usos da escrita (FRAGO, 1999).

Após 500 anos sob o domínio do livro impresso, com uma tecnologia incontestável, assistimos, atualmente, à intensidade de criações tecnológicas como o telefone, o rádio, a televisão e o computador, sendo que o último se legitimou como a terceira transformação nos paradigmas de intercâmbio.

bios socioculturais. Tais transformações possibilitaram, na contemporaneidade, a emergência de uma nova tecnologia de escrita que se materializa, eminentemente, no texto eletrônico – hipertexto⁴.

Xavier (2001) compreende o hipertexto enquanto uma forma híbrida que se dinamiza e flexibiliza pela e na linguagem e trava um diálogo com outras interfaces semióticas, o que origina diversificadas formas de textualidade.

Nesse sentido, o termo hipertexto designa uma escrita/leitura não-sequencial, não-linear que se ramifica permitindo ao leitor virtual o acesso, praticamente ilimitado, de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Ou seja, “trata-se de um processo de leitura/escrita multilinearizado, multisequencial e não-determinado, realizado em um novo espaço: o ciberespaço” (MARCUSCHI, 1999, p. 1).

Sendo assim, o hipertexto eletrônico, segundo este autor, traz as seguintes características que determinam sua natureza: 1. A **não-linearidade**, principal característica do hipertexto eletrônico, que abarca a flexibilidade das diversificadas ligações entre os nós que constituem as redes e permitem a elaboração de trajetos vários. 2. A **volatilidade** designa a falta de estabilidade do hipertexto eletrônico e toda a efemeridade das opções e conexões que o leitor estabelece. Em sua essência, esta característica aponta para a virtualidade do hipertexto eletrônico, ou seja, é daí que decorre parte de suas outras propriedades. 3. A **topografia** evidencia a inexistência de uma hierarquia e de tópicos no hipertexto eletrônico, o que faz do mesmo um espaço de leitura/escritura sem limites bem definidos, esta característica é inovadora, posto que não conta com a estabilidade que compõe os limites dos textos materializados no papel. 4. A **fragmentariedade** consiste na ligação de pequenos textos que se podem constituir enquanto retornos ou fugas. Tal característica é central para a noção de hipertexto eletrônico, pois apesar de possuir uma temática centralizante, o autor acaba por perder o controle do tópico e do leitor. 5. A **acessibilidade ilimitada** consiste na possibilidade, intrínseca ao hipertexto, que viabiliza o acesso a todo tipo de fonte, como dicionários, enciclopédias, museus (o que, em princípio, não aponta limites quanto às ligações que permite estabelecer). 6. A **multisemiose**, por sua vez, implica a hipótese de interconectar, simultaneamente, aspectos verbais e não-verbais, de forma integral. 7. A **interatividade** refere-se à interconexão interativa a qual é fruto da multisemiose e da acessibilidade ilimitada, além de ser resultado da relação de um leitor-navegador com múltiplos autores que se sobrepõem em tempo real. E, por último, a **iteratividade**, que designa a natureza intertextual marcada pelos recursos textuais, ou fragmentos em forma de notas, citações, consultas, textos.

Diante destas considerações, podemos supor uma nova caracterização do leitor/escritor diante do advento do hipertexto eletrônico.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do autor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas

⁴Entendemos como hipertexto eletrônico aquele que se diferencia do hipertexto tradicional (encontrados nos livros, revistas, entre outros – que recebem o formato do códex) na forma e rapidez do acesso às informações propiciadas pela especificidade do suporte digital.

de leitura. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (CHARTIER, 1997, p.77)

Com base na citação de Chartier, é possível refletirmos acerca do hipertexto como um propiciador de mudanças nas práticas de leitura/escrita. Alguns autores acreditam vir o hipertexto eletrônico a obscurecer os limites entre leitores e escritores, já que sua construção pressupõe a recriação de ligações por estes e a tomada de decisões diferenciadas por aqueles. Diferentemente do texto impresso, o hipertexto eletrônico não compele o leitor a seguir uma linearidade – da esquerda para a direita, de cima para baixo – na página. Diferentemente, ele encoraja a subversão dessa ordem, de modo que os leitores podem mover-se de um bloco a outro do texto, de maneira ágil e não sequencial. Neste sentido, o leitor-navegador ganha um papel mais ativo e uma oportunidade de leitura diferenciada da de um leitor do texto impresso.

Portanto, com o hipertexto, temos a impressão de que há uma autoria coletiva, ou talvez, uma espécie de co-autoria. A leitura se torna uma escritura, posto que o autor não mais controla o fluxo da informação e designa ao leitor a função de estabelecer não só a ordem da leitura, mas o conteúdo a ser lido. Sem escrever o texto no sentido convencional, o leitor do hipertexto eletrônico determina a versão final de seu texto, que pode diversificar-se infinitamente, sem coincidir com aquela proposta pelo autor.

Movendo-se livremente pelos nós da Rede Mundial de Computadores, o leitor promove um descentramento do autor, agindo em prol de seus interesses de leitor-navegador, o que produz uma textualidade regida por uma coerência pessoal. Dessa forma, não sendo um texto fisicamente materializado, e sim uma virtualidade, o hipertexto eletrônico acabou por tornar-se um fenômeno textual-interativo. Entretanto, podemos dizer, de acordo com Marcuschi (1999, p.12), que “assim como o hipertexto virtualiza o concreto, ele concretiza o virtual, e é aí que se encontra uma das diferenças essenciais entre o texto impresso e o hipertexto”.

O CONCEITO DE GÊNERO DISCURSIVO EM BAKHTIN EM DIÁLOGO COM O CONTEXTO VIRTUAL DA INTERNET

Em trabalhos anteriores, apoiamo-nos⁵ na Teoria Enunciativa da Linguagem de Bakhtin para entender os *chats* como uma produção de linguagem. Agora, novamente, este autor nos oferece suporte para que busquemos também compreender os sites enquanto um espaço que desempenha papel semelhante, uma vez que, para Bakhtin, a linguagem é um fenômeno que só pode ser compreendido dentro de uma vinculação situacional, ou seja, ela é produzida no e pelo contexto sociocultural. Como caracterizar, então, esta vinculação no contexto dos sites construídos por adolescentes na Internet?

Bakhtin (1993) mostra que a linguagem só pode ser analisada, na sua devida complexidade, quando considerada como fenômeno sócio-ideológico e apreendida dialogicamente no fluxo da história, ou seja, só pode ser analisada em seu vínculo com a vida e a história.

A concepção de linguagem de Bakhtin (1999) é construída a partir de uma crítica radical às grandes correntes da Lingüística de sua época, por considerar que essas teorias não trabalhavam a

⁵BERNARDES, A.S.; VIEIRA, P. M.T. No discurso produzido em salas de bate-papo da Internet, a descoberta de um espaço de formação e produção de linguagem de adolescentes. Este texto foi publicado no número 5 desta Revista.

língua como fenômeno social. Esse autor faz uma crítica epistemológica às duas grandes correntes lingüísticas, a qual ele chamou de Objetivismo Abstrato e Subjetivismo Idealista. Para ele, o objeto de estudo de cada uma dessas correntes reduz a língua: o primeiro reduz a língua a um sistema abstrato de normas e o segundo vê a língua como expressão da realidade interna, reduzida à enunciação monológica isolada (prioriza o aspecto interior, o lado subjetivo da criação significativa). O que Bakhtin propõe, questionando essas duas correntes, é que o verdadeiro núcleo da realidade lingüística consiste na prática viva da língua.

Por entender a linguagem nessa dimensão, ele argumenta que a língua é inseparável do fluxo da comunicação verbal e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal. Dessa forma, a realidade fundamental da língua, para ele, é a **interação verbal**: “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1999, p. 123).

Neste sentido, apoiamo-nos na categoria teórica da interação verbal, proposta por Bakhtin para conceber também o site enquanto espaço de produção de linguagem, e portanto propiciador de interações/interlocuções/enunciações.

A enunciação é compreendida por Bakhtin como sendo a unidade real da linguagem (expressão lingüística), e o produto dessa expressão verbal é o enunciado. Baseando-nos em pressupostos teóricos desse autor pretendemos elucidar como a enunciação é construída.⁶

Bakhtin (1993) afirma que a linguagem é um fenômeno de duas faces, uma vez que presume sempre a existência de um falante e de um ouvinte - mesmo que este não seja real. Sendo assim, a interação entre os interlocutores é o princípio fundador da linguagem e se realiza sempre sob a forma de diálogo entre ouvinte e falante, mediado pela palavra, “modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 1999, p.36). Dessa forma, podemos vislumbrar as enunciações presentes nos sites também como um duplo fenômeno, já que o sujeito enunciadador/escritor supõe um ouvinte/leitor e vice-versa, pois toda comunicação discursiva, para esse autor, é marcada pela compreensão e responsividade de uma outra pessoa. Essa orientação para o outro – que ele denomina de **orientação social da comunicação discursiva** – pressupõe que se leve em conta a interação sócio-hierárquica que permeia a relação entre os interlocutores (BAKHTIN, 1993).

A palavra está sempre orientada em função desse interlocutor, por isso não pode ter apenas uma face, mas duas, pois o que determina a palavra é que ela procede de alguém e se dirige para alguém, constituindo-se o produto de interação entre locutor e ouvinte. É particularidade essencial do enunciado dirigir-se a alguém, sem o que ele não pode existir. Portanto, o enunciado, “constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra [enunciado] serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor” (BAKHTIN, 1999, p.113).

⁶Baseamo-nos no texto “La construcción de la enunciación” de Bakhtin, cuja primeira edição, em russo, data de 1929, para apresentar as idéias principais referentes à enunciação. Para um maior aprofundamento ver: Bakhtin (1993).

E o ouvinte, segundo Bakhtin (1993), não é passivo diante do enunciado do outro, já que a palavra que lhe é dirigida tem em conta a sua compreensão efetiva ou potencial resposta. A compreensão contém sempre elementos da resposta, seja de concordância ou discordância em relação ao que se ouve.

Assim, nos sites, podemos entrever que o espaço disponível para que o interlocutor dê sua contra-palavra – considerando, é claro, que estamos nos referindo a uma interlocução na/pela via escrita e outros recursos semióticos – é ampliado em função de um suporte que está interconectado num sistema de redes e favorece uma maior interação via linguagem escrita. Este fato, por sua vez, instaura uma dialogicidade nunca antes vista, já que tem por base o recurso da escrita, além daqueles logográficos, semióticos e multimidiáticos, presentes no hipertexto digital, que se constitui enquanto estruturação textual dos sites. Isso faz do leitor, simultaneamente, um co-autor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema. Tais possibilidades se abrem a partir de elementos específicos que nos sites se apresentam interconectados através dos links.

Numa linha de continuidade com a teoria bakhtiniana, exposta anteriormente (1993), a enunciação compõe-se de duas partes: uma verbal (as palavras, formas morfológicas ou sintáticas, os sons) e outra extraverbal, sendo que esta última determina o significado da primeira.

A parte extraverbal, de acordo com ele, compreende toda a situação de uma enunciação, caracterizando-se por três aspectos: **o espaço e o tempo nos quais ocorre a enunciação** (onde, quando e a unidade do que é visível pelos interlocutores no momento da interação verbal); **o objeto ou tema sobre o qual ocorre a enunciação** (aquilo de que se fala); **a atitude dos falantes diante do que ocorre** (a valoração). O enunciado depende diretamente desses fatores que dão sustentação ao que é dito. Isso quer dizer que cada ato de fala conta com algo que se refere ao horizonte espacial e ideacional dos falantes e que, portanto, é presumido por eles, e é graças ao fato de haver algo presumido pelos interlocutores que a comunicação discursiva acontece. De forma análoga, podemos perceber que as considerações feitas por Bakhtin, nos permitem vislumbrar o contexto extraverbal dos sites: **o espaço e tempo específicos em que eles têm origem** (o meio digital virtual, o suporte da tela, o momento em que o texto é acessado pelo leitor/navegador); **o tema do qual se fala** (entrevisto no assunto que o site se propõe discutir); e a **atitude do ouvinte/leitor e falante/escritor** diante da interlocução promovida pelos sites.

O que podemos sintetizar até agora é que qualquer enunciação depende da situação e da orientação social em relação ao seu ouvinte. Contudo, a enunciação precisa também, possuir uma **forma**, pois o seu conteúdo e o seu significado necessitam de uma expressão material que os realize. Bakhtin (1993) considera como elementos fundamentais construtivos da forma da enunciação: **som expressivo** (entonação); **escolha** das palavras e sua **disposição** no interior da enunciação. Para esse autor, o vínculo entre a enunciação, sua situação e seu auditório é determinado pela **entonação**. É através dela que se realizam a escolha das palavras e sua disposição, dando um sentido para toda a enunciação.

Bakhtin (1999) salienta que, em uma situação de diálogo, todas as palavras usadas no discurso não possuem apenas significação e sentido, mas possuem também um acento de valor ou apreciativo que está relacionado com a situação de interação verbal, denominado por ele de **entonação**. Esta corresponde à necessidade de expressividade do locutor diante do objeto de seu enunciado e somente ela pode estabelecer essa espécie de relação – emitir um **juízo de valor** a respeito da realidade mediante um enunciado concreto. Ela exprime as apreciações dos interlocutores, a atitude

dos falantes diante do que ocorre. Sem esse acento de valor, não há palavra, não há enunciados, pois toda enunciação compreende, antes de mais nada, uma orientação apreciativa (a entonação). “Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo não há palavra” (BAKHTIN, 1999, p.132).

Contudo, fora da enunciação, a entonação expressiva não existe. É somente no contato entre a língua e a realidade em que ela acontece, que há de fato a emoção, o juízo de valor, a expressividade. Complementa Bakhtin (1999) que as palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor, pois estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários. Nas situações de observação dos sites, pudemos compreender o quanto a entonação é sensível a todas as oscilações sociais e afetivas que envolvem o falante/escritor, podendo-se concluir que ela atua constituindo e se integrando ao enunciado também como parte essencial de sua significação.

A entonação serve para demonstrar que toda a estrutura formal da fala/escritura depende, significativamente, da relação do enunciado com o conjunto de valores pressupostos no meio social onde o discurso ocorre, ou seja, ela é o elo entre o discurso verbal produzido pelos autores/escritores dos sites e o contexto verbal do qual faziam parte.

Ao compreender a enunciação enquanto unidade da comunicação verbal, Bakhtin (1993) afirma que ela se constrói e assume uma forma fixa, particularmente no processo constituído por uma interação verbal específica, nascida de um tipo de intercâmbio comunicativo social também específico. Cada um desses tipos de intercâmbio comunicativo constrói, organiza e completa, da sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação. É o que esse autor chama de **gêneros do discurso**⁷, um tipo relativamente estável de enunciados, formas sistemáticas de usos da linguagem no cotidiano da vida social.

As diversas situações em que a comunicação verbal ocorre, a posição social e a relação entre os interlocutores fazem com que o enunciado corresponda à função a que se destina (científica, técnica, oficial, cotidiana, entre outras), ou seja, a uma *das formas sistemáticas de usos da linguagem no cotidiano da vida social* (CASTRO e JOBIM E SOUZA, 1997, p.6).

O gênero discursivo é parte do ambiente social, coincide e é delimitado por ele. O gênero organiza e molda os enunciados, revelando através dele o querer dizer do locutor. Assim, os enunciados se reportam aos mais variados gêneros discursivos em uso na língua, nas esferas da comunicação social.

“Cada época e cada grupo social tem seu repertório de gêneros discursivos, que funciona como espelho que reflete e refrata a realidade. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma sociedade se explicitam e se confrontam.” (*ibid.*, p.14).

É preciso apreender e interpretar os gêneros discursivos presentes nos sites, pois qualquer interlocução/interação pode ser definida como produção de linguagem que se realiza, portanto, atra-

⁷Bakhtin (2000) diferencia os gêneros do discurso em Primário (simples) e Secundário (complexo). Os gêneros do discurso primários constituem-se na comunicação discursiva imediata e espontânea, como o diálogo oral, do cotidiano, e o diálogo escrito presente no bilhete, na carta, entre outros. E os gêneros secundários – romance, teatro, discurso científico, discurso ideológico – surgem em condições de comunicação mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: científica, artística, sócio-política, absorvendo e reelaborando os gêneros primários.

vés desses gêneros. Assim, como Castro, Jobim e Souza (1997), também não é nossa intenção, ao tentar apreender as características desses gêneros discursivos, superar suas diferenças em busca de categorias uniformizantes, mas, ao contrário, “apreender nos movimentos dos usos da linguagem cotidiana a própria diversidade que torna a língua viva, refletindo de uma maneira imediata, atenta e flexível todas as transformações da vida social” (*ibid.*, p.6).

Os enunciados se reportam aos mais variados gêneros do discurso em uso na língua, pois cada época histórica tem sua linguagem, seu vocabulário específico, seu sistema de acentos, que se diferenciam em função da camada e dos grupos sociais, o que transforma a linguagem pluridiscursiva em cada momento de sua existência histórica.

Os gêneros discursivos modulam as enunciações, delimitando a forma dos enunciados do falante/escritor. Sua variedade corresponde à intencionalidade de quem fala (ou escreve). Essa intenção discursiva do locutor/escritor – o seu querer dizer – acontece justamente através da escolha do gênero. O ouvinte/leitor, por sua vez, não é dotado de uma compreensão passiva diante do que ouve. Segundo Bakhtin (2000), ele recebe o discurso, adotando para com ele uma atitude responsiva ativa: concordando, discordando, completando, adaptando. A entonação expressiva também possui uma relação com os gêneros discursivos, constituindo-se em um dos recursos que o locutor/escritor utiliza para expressar a relação valorativa com o objeto do seu discurso. É pela entonação que a ligação entre a enunciação e o seu auditório social se estabelece, pois através dela o sujeito-falante/escritor elege as palavras que compõem seu enunciado, dando um sentido para o que se fala/escreve.

Em um texto anterior⁸, no qual discutimos os chats como um gênero discursivo, arriscamos a pensar na possibilidade de encontrar nestas salas de bate-papo da Internet a emergência de um novo gênero. Mas, seria um gênero qualquer? Não. Ancoradas por Xavier e Santos (2000), chegamos a apontar a possível emergência no e pelo contexto virtual de um “gênero terciário” do discurso.

(...) todas estas considerações e reflexões em torno da teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin nos permitem conceber o chat enquanto produção de linguagem, mas também nos indica o possível surgimento dentro de um novo espaço de enunciação, de um gênero textual/discursivo híbrido, fundindo gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, o computador, cujo resultado é um gênero do discurso de terceira ordem (...) Acreditamos, deste modo, que o chat possa ser concebido como um novo gênero discursivo, pertencente a uma terceira categoria, apresentando, entretanto, certas ações de linguagem que se aproximam dos gêneros primários. (BERNARDES e VIEIRA, 2001, p. 56-57)

Esta citação evidencia que nossas primeiras reflexões acerca dos gêneros, que emergem do contexto virtual da Internet, foram guiadas pelos autores supracitados. Porém, com o passar do tempo, e a efetivação de discussões cada vez mais profundas, começamos a perceber a fragilidade dessa proposição. Contudo, não deixamos de compreender a importância das primeiras leituras e reflexões para a instauração de uma discursividade imprescindível à construção de conhecimento.

Agora, em um novo momento, buscamos rediscutir a questão dos gêneros discursivos, promovendo uma outra abertura no diálogo com Bakhtin. Partindo de palavras já por nós escritas, avançamos em nossas considerações iniciais, acreditando termos conseguido um maior aprofundamento em relação ao conceito do autor.

⁸BERNARDES, A.S.; VIEIRA, P. M.T. No discurso produzido em salas de bate-papo da Internet, a descoberta de um espaço de formação e produção de linguagem de adolescentes. Publicado na edição anterior desta mesma revista.

Sob o impacto do novo e da necessidade de compreender o discurso escrito no meio virtual, buscamos em outros leitores de Bakhtin e na releitura deste autor, a possibilidade de dar a esta questão do surgimento ou não de um novo gênero no contexto da Internet, um outro direcionamento, enfocando, desta vez, os sites produzidos/construídos por adolescentes.

Consideramos assim, com Bakhtin (2000), que a língua é estável, mas não é estática. Estabilidade que se instaura no e através dos gêneros discursivos em decurso na história da humanidade. Comunicamo-nos através dos gêneros. A noção de gêneros discursivos em Bakhtin traz em si a noção de totalidade, mas não o “totalizante”, por isso se altera, ou se mantém. Alcançamos o outro pela palavra que se manifesta através e/ou no interior de gêneros discursivos que são “enunciados relativamente estáveis compostos indissolúvelmente por três elementos” (*conteúdo temático, estilo e construção composicional*). Mas o que isso quer dizer? São “tipos estáveis” que permitem a interlocução, porém que não se encerram numa “tipologização”. São formas de ver o mundo, de uma dada época, contudo traz em si outros tempos, outros lugares. Tempo e lugar que se fundem na esfera do uso e não na esfera da forma. O conceito de gênero discursivo não se confunde com o conceito de texto. Os gêneros discursivos não aparecem no todo social de modo espontâneo, já que é a fusão (e não a confusão) de dois gêneros que faz emergir, ressuscitar um outro gênero. Portanto, categorizar uma terceira ordem dentro da linha bakhtiniana, para enquadrar os gêneros cibernéticos seria incorrer no equívoco de uma tipologização que não foi proposta por Bakhtin. Em cada gênero, teremos diferentes tipos de texto, uma variação na composição. Qualquer alteração nos elementos dos gêneros (isoladamente) não produz diferentes gêneros, mas formas de textualização diferenciadas dos gêneros. Neste sentido, a conversa eletrônica, bem como os sites e e-mails, graças à tecnologia do computador e da Internet, produzem um gênero que poderia ser midiático ou informático e dentro dele, teríamos subcategorias, sendo que cada uma delas, possui formas de texto diferentes.

Dentro desta reflexão, os sites podem ser entrevistados como gêneros secundários que têm como cruzamento constitutivo uma auto-referência do adolescente/escritor, características estas que abrem links para outros tipos de texto. Esta idéia nos permite pensar os gêneros primários e secundários de Bakhtin não como categorias tipologizadas, mas como constitutivas de gêneros outros. Ao invés de pensarmos a cada novidade tecnológica da sociedade como uma possível categorização que se acrescenta àquela proposta por Bakhtin, devemos, na verdade, ter a dimensão de que um gênero sempre gera outro, posto que ele traz implícito em si um GEN que produz outros gêneros. Dessa forma, o que possibilita este novo gênero são as mudanças na sociedade (relações sociais e tecnologia).

Isto porque a linguagem não nos foi dada espontaneamente para nomearmos as coisas do e no mundo. Falamos sobre essas coisas através da palavra de um outro, a qual que no começo foi oral. Olho no olho. Face a face. Entretanto, foi o olhar que não detinha sobre mim, o olhar extraposto que me possibilitou o mergulho na corrente da linguagem. Linguagem primeira. Daí a denominação “primário”. Primário porque primeiro. Fundante e fundador. Ponto de partida que se deu a dois. “Eu-Tu”. Bakhtin defende que o ponto de partida da linguagem se efetiva, se faz na e por meio da interação verbal de um “eu” e um “tu”. Interação que por se dar na via linguagem traz em si um modo de composição e uma “estrutura composicional”. Uma das características dessa estrutura na conversa face a face – gênero primeiro – é justamente a construção a dois, ou seja, um “eu” e um “tu” unidos pela palavra. No entanto, são um “eu” e um “tu” territorializados, ou melhor, localizados num espaço-tempo que determina a própria forma, o próprio se dar da interação. Processos interacionais que na história se desenrolam e se complexificam, e que vão produzindo novas composições da forma, trazendo novas necessidades de uso. Essas composições, por sua vez, são, em rela-

ção à primeira, à fundante, secundárias. Segundas, não secundarizadas. Os gêneros secundários não são resultantes de uma espécie de transformação dos primários. É a fusão de dois que resulta num outro, num terceiro, não “terciário”. Um gênero não se transforma sozinho ao longo da história, mas uns com os outros, daí a idéia de elos de uma cadeia. Cadeia dialógica. Uma rede tecida não por pontos únicos, mas fundidos em um nó.

De onde vêm os gêneros? Pois bem, simplesmente de outros gêneros. Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um texto de hoje (Também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à poesia quanto ao romance do século XIX, do mesmo modo que a comédia lacrimajante combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente. Nunca houve literatura sem gêneros; é um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente, o terreno dos próprios gêneros: no tempo, nada há de anterior aos gêneros. (TODOROV, 1980, p.46)

Nós: “eu” e “tu” potencializadores do fenômeno da interlocução. São Gêneros discursivos que se fundem e se formam ininterruptamente por isso se reportam ao “grande tempo”. O gênero discursivo, para Bakhtin, acompanha a variabilidade dos usos que se faz da língua num determinado tempo. São eles, portanto, uma espécie de dinamizadores de ações temporais que se efetivam em diversificadas formas sempre em expansão. Formas são aqui compreendidas como manifestações espaciais. Aqui gênero não se confunde com texto, mas os textos se dão em várias formas, interação, em decorrência do uso que se faz da língua. Poderia dizer que os textos se materializam no e através dos gêneros, e são eles que, portanto, dinamizam os textos, aliás, vários textos; e essa variabilidade se dá pela introdução de uma nova característica na composição do gênero do discurso. Lembremos: os gêneros são compostos por três elementos indissociáveis – conteúdo, estilo, estrutura composicional. É a alteração nessa estrutura composicional que produz textos diferentes no interior de um mesmo gênero. Qualquer alteração nos elementos de um gênero produzida, isoladamente, não traz e não produz diferentes gêneros, outros gêneros, mas formas de textualização diferenciadas do gênero. Esse movimento de produção é a história. Este movimento dialógico (uma “dialética dialógica”) não é excludente. Dessa forma um gênero não sai do “palco” da história para dar entrada a outro gênero, pois os gêneros coexistem e são constitutivos uns dos outros. Cada época conhece seus gêneros e todo “novo” gênero perpetua a sua existência com os novos gêneros que lhe deram origem. Não há última palavra...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Angel Rama, em “A cidade das letras”, nos traz uma reflexão acerca da conquista humana do domínio da técnica da escrita que se constituiu por relações de poder em torno de duas cidades. Luta compreendida entre encontros e desencontros da *cidade real* e da *cidade letrada*. Duas dimensões: a física e a simbólica. Duas cidades que coexistem, se superpõem: labirinto de ruas e de signos. Cidade vista como um discurso que só permite ter seus signos decifrados por uma inteligência raciocinante que encontra e impõe ao labirinto das ruas a sua ordem:

Toda cidade pode parecer-nos um discurso que articula variados signos-bifrontes de acordo com leis que evocam as gramaticais. Mas há acordo onde a tensão das partes se agudizou. As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica,

que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem. Há um labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem (RAMA, 1982, p.53).

Superposta à “cidade real”, a “cidade letrada” quer ser fixa, atemporal, assim como os signos estancados na palavra dicionarizada. À fluidez da oralidade, quer a “cidade letrada” e velar as transformações da sociedade. Luta entre o mutável e o imutável. A necessidade de fixar uma ordem à desordem dos “labirintos das ruas” demonstra um desejo da “inteligência raciocinante” – pelo Poder e pelo Estado – de transformar a escrita em instrumento de dominação.

Assim, ao longo da história de convívio com o poder, foi se erigindo uma cidade letrada que foi ordenada, foi escriturária, foi modernizada. Cidade esta que se politizou e pode ser revolucionária. “O uso da técnica da escrita pretendeu estancar a fluidez da palavra; entorpecer-lhes os poderes; impedir toda futura desordem pela fixação dos significantes e seus significados; definir, orientar e projetar as realizações humanas, enfim reger a mutante vida dos homens e seus signos” (GERALDI, 2002)⁹. A escritura possibilitou a construção de uma “cidade letrada”, como um “anel protetor do poder e executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais” (RAMA, 1982 p.43). Essa tentativa de construção do imutável só pode ser pensada no seio da esfera do Poder, do exercício do poder. A construção de uma muralha impenetrável para o “não letrado”: o exercício da função jurídica da palavra. Função esta que dita o que é certo e o que é errado, regrando os processos de negociação de sentidos, construindo e dando forma ao discurso monologizante: mensagens uníssonas e uniformes.

Dialogando também com Rama, Geraldi (2002) indagou como tal façanha da “cidade das letras” tornou-se possível face à mutabilidade do material constitutivo da escrita que não é senão a própria linguagem que por sua natureza é mutante. Perguntava-se: “Como realizar semelhante proeza, se a escrita trabalha com a linguagem, objeto essencialmente mutável, sujeito às precariedades singulares dos acontecimentos interativos?” Pelo exercício do poder, pelo apoderamento da letra que não se dá sem luta. Mas é justamente no terreno dessa luta, na arena das significações que o terreno da linguagem se mostra fluido o qual é um território de passagem. Tendo visto toda a questão da “gênese” dos gêneros dos discursos e diante das nossas “descobertas” frente à complexificação dos processos interacionais da sociedade contemporânea – com a introdução e difusão da tecnologia da informática – estamos vivenciando um momento único na história: os novos gêneros – e aqui se inclui o “gênero internético”. Estão pondo em crise a estrutura da “cidade letrada” e as novas tecnologias põem em xeque o conjunto dos gêneros que o “mundo letrado” construiu.

Certamente, essa cidade, cujos muros estão sendo transpostos (ou demolidos?), encontrará uma forma de adaptar-se, reconstituindo (pelo Poder) suas bases. Entretanto, estamos diante não só de uma trincheira, mas de uma “frincha” que está aberta e é sobre ela que nos debruçamos na tentativa de compreender a construção da leitura/escrita na internet e na escola. Em toda a história do mundo letrado, como também da humanidade, nunca tínhamos chegado ao desenvolvimento da escrita de uma forma tal que a escritura estivesse tão próxima tecnologicamente da oralidade. Isso já nos era possível dado o alfabeto que dispomos, mas o exercício do poder que se constrói no mundo

⁹Transcrição da fala do autor, proferida em ocasião de consultoria ao grupo de pesquisa.

letrado produz uma escrita que, ao invés de ser uma transcrição da fala tornou-se uma forma para a fala, forma esta legitimada que instaura o que é lícito, correto. A escrita, hoje, amparada pela tecnologia do computador, exige uma nova operação a qual se faz com emergência de novas necessidades, com a velocidade dos bits. Toda a história da apropriação da escrita por uma classe social, manifestada pelo poder de normatizar a fala, está sendo posta de lado pelos sujeitos que navegam nas salas de bate-papo e constroem sites na Internet. Estamos vivenciando a construção de uma nova **forma** de escrever em que não mais o que conta é a etimologia da palavra, tendo em vista a necessidade de ser veloz diante dos novos aparatos da tecnologia digital. Está sendo construído, pela reaproximação com o gênero primário, – face a face – um novo conjunto de formas convencionais de escrita que alteram profundamente a convenção ortográfica tradicional.

O computador nos trouxe a possibilidade de “retorno” ao primário, mas não um “retorno” sem transformações. A interação em tempo real pela escrita nos canais de chat traz em si uma das características do gênero primário – que é a interação face a face. Porém, como esta interação se dá em outro nível de corporeidade (espectral), e a partir das possibilidades engendradas pela tecnologia disponível, – rede informática – a comunicação só é possível pela escrita. Se é um “face a face escrito” não é, portanto, um gênero primário, mas sim outro, ou seja, um secundário que hoje já sabemos estar se transformando em outro com a digitalização das *webcams*. O chat, bem como os sites, estão trazendo uma nova forma de discurso a qual se está desenvolvendo numa nova esfera de uso que é o gênero internético. Aqui sim podemos fazer uma tipologização de textos – o texto dos chats, o email, os sites etc – que herdam da estrutura composicional do gênero internético certas características: uma delas justamente a reaproximação da oralidade. Pensar a emergência desses gêneros textuais (se assim podemos dizer) como uma categoria genérica, ou seja, um “gênero terciário”, seria realmente incorrer no erro, não querer reescrever aquilo que um dia se escreveu, “imutabilizando” o nosso discurso, esquecendo que cada um destes novos textos mantém uma correlação com outros textos. Seria incorrer contra a própria natureza do discurso bakhtiniano que se funda na intertextualidade. E, além disso, seria uma tentativa de reerguer com nossas próprias palavras os muros da “cidade letrada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (Volochinov) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: la organización de la consciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERNARDES, A.; VIEIRA, P. M. No discurso produzido em salas de bate-papo da Internet, a descoberta de um novo espaço de formação e produção de linguagem. Relatório de pesquisa. CNPq, Julho de 2001.
- CASTRO, L. R.; JOBIM E SOUZA, Solange. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo, 1997. (mimeo).
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- FRAGO, Antônio Viñao. Leer y escribir (siglos XIX-XX). *Educación em Revista*. Belo Horizonte. n° 29, jun/99, p. 61-82.
- GERALDI, W. Consultoria proferida ao grupo LIC, em 22 de agosto de 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linearização, Cognição e Referência: o Desafio do Hipertexto*. In: COLÓQUIO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE ANÁLISE DO DISCURSO, IV, 5 a 9 de abril de 1999, Santiago, Chile.
- OLSON, D. R.; TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1997.
- RAMA, A. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- XAVIER, Antônio Carlos S. *Leitura, texto e hipertexto*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~hytex/th0.htm>> Acessado em: 22 de novembro de 2001.
- _____. *Hipertexto: novo paradigma textual?* Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~hytex/hnp0.htm>> Acessado em: 22 de novembro de 2001.
- _____. & SANTOS, C.F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. *Revista de estudos lingüísticos – Veredas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000. p. 51-57.

ABSTRACT

This paper consists on an attempt to understand the new practices of reading and writing that the Internet has made possible nowadays. Through qualitative research with a socio-historical approach, we seek, based on Mikhail Bakhtin's (enunciative) theory of language, to understand the sites made by teenagers as a space of production of language. Therefore, our analysis begins with a glance to the past, trying to unveil, through the evolution of cultural exchange, the possible transformation the ways of reading and writing have undergone. Afterwards, we reflect, based on Bakhtin's notion of discursive genre, in order to create the lenses through which we view the cyberspace context.

Keywords: *Reading/writing, internet, reflect.*